REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 788

20 DE NOVEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO

COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

CHRONICA OCCIDENTAL

Até um tumulo dos Prazeres, não muito longe d'aquelle para onde ha cinco annos e meio levámos o cadaver de Gervasio Lobato, uma d'estas tardes, entre as lagrimas de muitos, que são a melhor das preces dirigidas ao céo, acompanhámos o corpo de Cyriaco de Cardoso, tão emmagrecido e decomposto pela doença, que ninguem o reconhecia.

E, logo, mal se espalhou a noticia, que tão profundamente cravou seu espinho nos corações, foi elles vibrarem e desabroxar a caridade santa. Bateu a nova suas azas negras pela cidade, e, minutos depois, amigos, velhos companheiros de glorias e de horas más, vinham todos offerecer o seu trabalho em favor d'uma viuva inconsolavel, de duas creancinhas sem pae.

Cyriaco de Cardoso, um dos maiores artistas musicaes que Portugal viu nascer, como todo o artista portuguez, morreu na miseria.

Mas já do Brazil o emprezario Affonso Taveira telegraphara aos amigos para que ao Cyriaco nada faltasse em sua ultima hora, e a familia pudesse aos restos mortaes do compositor famoso prestar o culto devido. O theatro da Trindade e o da Avenida annunciavam suas recitas em favor da viuva e das orphãsinhas. O theatro de D. Maria offerecia a sua casa e o trabalho dos seus artistas. Carlos Borges planeava uma recita em homenagem ao grande maestro, contando com o concurso de todas as emprezas theatraes. As senhoras directoras da Sociedade artistica de concertos de canto remettia á desventurada familia generosa esmola de cincoenta mil réis.

Que melhor necrologia pode homem ambicionar do que tantas dedicações sem esperanças de paga, só dictadas pela gratidão das almas, que bemditas sejam?

Cyriaco adoeceu ha pouco mais ou menos um anno: diabetes sem maior importancia. Mas ainda tinha dias alegres como d'antes e ainda compoz e ensaiou com restos da antiga energia a musica do *Ramerrão*. Quando lhe dava para conversar, rir, fazer de proposito pessimos calemburgos para arreliar a gente, parecia o mesmo de outros tempos. Mas, de quando em quando, tinha dias amargurados por idéas sombrias, tristezas profundas, preoccupações de futuro. A's vezes, já no final da epoca theatral, ao deixar a cadeira de regente, entrava no palco, estafado, pallido, d'olhar parado, respirando a custo, e a tossir, a tossir: uma bronchite teimosa.

Uma tarde, no Suisso, teve um deliquio. Dois amigos levaram-o de carruagem a casa. Falou-se em lesão de coração.

A idéa de não acompanhar o Taveira ao Brazil affligia-o muitissimo. Mas não era possivel, e elle proprio o percebeu. Conformou-se. Doía-lhe, porém, lembrar-se de que os companheiros iam trabalhar sem elle e sem o seu conselho, de que todo um verão se veria obrigado pela doença a uma ociosidade, que o mataria de aborrecimento.

Dias depois do embarque do Taveira com sua companhia para o Rio de Janeiro, Cyriaco partia com a familia para o Porto.

Foi quasi cadaver que nos voltou, depois de uns passeios dolorosos até Braga, ao Bom Jesus, á Serra da Estrella, em busca de melhoras, que nunca haviam de chegar.

Declarara-se a tuberculose.

E como vinha transtornado! Um pergaminho esticado sobre um esqueleto; a barba crescida, cheia de malhas brancas; nas faces umas covas negras; os olhos com um brilho extranho, como se já outra luz os alumiasse. Quando alguem lhe dizia que o achava melhor, sorria-se contente e mettia dó. Mettiam dó o braço d'elle, tão magrinho, e a mão, que, tanta vez, com tanta energia brilhante, manejára a batuta, agora descahida, a deixar dos dedos escorregar os anneis.

Mas o achar-se em Lisboa alegrava-o. Falava em voltar ao trabalho. O caso era atravessar o inverno; depois iria para o Bom Jesus e ficaria de todo curado. Nunca revelou suspeitas de que a morte lhe houvesse batido á porta.

Continuava a interessar se por todos os assumptos theatraes e n'essa conversação distrahia-se dos proprios males. Com seu excellente coração continuava a doer-se com as dôres dos outros, a alegrar-se com as alegrias. Ninguem foi melhor amigo.

Um dia, fiou-se na propria força e deu uma queda. Fez na cabeça um ferimento insignificante. Contentou-se com pôr-lhe uns pontos e amarrar um lenço E foi a rir que me disse:

— Quebrei a cabeça.

Era a morte. A diabetes reassumiu o primeiro logar na importancia dos estragos. O ferimento não fechava. O doente pediu para ser visto pelo dr. Bello de Moraes, que o tratou com o maior carinho. Mas, á porta, o distincto professor, a quem, mais uma vez, seja-me licito revelar a minha gratidão pela gentileza com que attendeu o meu pedido para visitar o enfermo, disse-me tristemente:

— Questão de dias.

Os olhos da infeliz senhora e das pequeninas imploravam do olhar do medico uma luz de esperança...

Horas depois, manifestava-se a erysipela, que completamente havia desfigurar aquelle rosto.

Na tarde do dia quinze adormeceu com certa serenidade. Acordando, perguntou-me:

— Que horas são?

— Quatro e um quarto.

Tornou a fechar os olhos.

D'ali a instantes entrava no quarto um amigo, Thomaz de Mello Breyner, e falava-lhe:

— Que horas são? tornou a perguntar.

— Quatro e meia.

— Julguei que era madrugada.

Assustei-me. Era a primeira vez que elle perdia a consciencia do tempo.

Depois que anoiteceu, começou a voz d'elle a transtornar-se. Disse umas coisas incoherentes, a que a mulher, com a voz cheia de lagrimas, respondeu procurando socegal-o. Então cahiu em si e disse com afflicção:

— Estou doido!... Estou doido!

Convencemol-o de que não era nada, de que estava tonto de somno, de que era sonho que havia sonhado.

E era de arrancar lagrimas ver assim atacado aquelle cerebro, que tão extraordinariamente fôra lucido e que a inspiração tanta vez illuminára.

Mais d'uma vez, assim falou incoherencias, com a voz tão mudada, a lingua mal podendo mover-se-lhe na bocca, que apenas uma ou outra palavra se lhe percebia. Mas respondia certo ás perguntas, embora fosse preciso para isso chamal-o duas e trez vezes.

Pela uma hora da noite veio visital-o Raphael Bordallo Pinheiro. Alegrou-se com isso. Apertou-lhe as mãos, carinhoso, e pela mão do amigo bebeu uma gota d'agua.

Socegou um pouco. Depois veio-lhe uma certa agitação. Falou varias vezes com a tal voz que assustava. Percebi-lhe a palavra: — orchestra.

Vinha rompendo a manhã. Cahia uma chuva miudinha. A luz da madrugada ainda era mais triste que a da noite. O doente tornou a socegar.

Pela rua passou um garoto apregoando o *Seculo* e a *Vanguarda*. Chamei-o.

Angela Pinto estreiára-se n'essa noite no papel dramatico da *Zázá*, e Raphael Bordallo já me contára o exito que ella havia obtido.

Corri os olhos pelos jornaes e puz-me a pensar na coincidencia extranha que me punha, ali, ao lado d'aquelle moribundo, a ler o elogio do talento dramatico da actriz hoje famosa. Era áquelle homem ali disparatando, com os miolos a esphacelarem-se, que ella devia talvez uma grande parte de sua gloria. Fôra elle quem primeiro a aconselhára, lhe ensinára dicção, e, com a ajuda de notas d'uma ternura infinita, lhe arrancára o primeiro gesto de tragica, n'aquelle duetto do *Solar dos Barrigas*.

Manuela, coitada!

Com os olhos cheios de lagrimas, com a grande sinceridade de seu excellente coração de verdadeira artista, a Angela m'o confessou, ha dias, orgulhosa de tal mestre.

E então recordei a alegria d'esses ensaios, durante o verão de ha oito annos, n'aquelle palco da Rua dos Condes. Eram certos o Gervasio, sempre a rir contente com a esperança d'um novo exito, o Fernando Caldeira enthusiasmado com o talento de actriz, o Salomão Sáragga, n'esse tempo em crise de sensibilidade, e chorando com a ternura da musica. Mais trez mortos!

Mas quem então pensava em tristezas? E que uma nuvem, uma vez ou outra, passasse, que importava? Não estava ali a alegria do Cyriaco a irradiar para tudo e para todos?

E depois o exito a coroar a audacia d'aquelle trabalho delineado, escripto, ensaiado em pouco mais de trez semanas! E eram enchentes sobre enchentes, e era a Angela decantada por todos, e era o Cyriaco orgulhoso da sua discipula e a ver a vida um mar de rosas. E todas as noites eram bisados o côro das velhas, as coplas dos foguetes, o *Manuela coitada*, o duetto dos PP.

A Mimi, a filha mais velha do Cyriaco — nem a outra era nascida então — acompanhava muita vez o pae, estava ali quietinha na orchestra, ao pé da cadeira da regencia. E com que felicidade elle pensava no futuro da filhinha estremecida! Pois não havia de ser tão feliz, se a vida corria tão bem?

Começara a agonia. Ao principio nem percebi d'onde vinha aquelle ruido compassado. Era o estertor. O grande artista estava por pouco.

Perguntei-lhe se queria beijar a imagem do Senhor dos Passos, de que o sabia muito devoto. Disse-me que sim. Approximei-lhe o registo da bocca, mas os beiços inchados, torcidos, não souberam unir-se no beijo. Então cruzou as mãos sobre o peito, como em oração.

Estava agitado, descobrindo-se. Disse-me ainda uma vez distinctamente:

— Levante-me.

Mas, cada vez que o levantavamos, temia que me ficasse nos braços; parecia querer parar-lhe a respiração. Arfava, cançadissimo, quando o tornavamos a deitar.

Cahira-lhe a mascara de algodão e podiamos ver, horrorisados, que enormes estragos lhe fizera no rosto a doença.

Chamei-o:

— Cyriaco!

Tres vezes tive que repetir-lhe o nome. Respondeu-me a custo com um gemido.

— Doe-lhe?

— Não.

D'ali a meia hora chamei-o outra vez.

— Tem sede?

— Não.

E não disse mais palavra. O pulso ia diminuindo, a respiração tornára-se cada vez mais difficultosa. Já não se movia na cama.

Entrou então no quarto um amigo, Antonio Furtado, que lhe assistiu aos ultimos momentos.

Eram onze horas, soltou o ultimo suspiro.

E quando eu dava parte á familia e ao irmão Silvestre, que velára duas noites a fio e havia pouco sahira do quarto, em meio da scena dolorosa do ultimo adeus ao querido morto, chegava Bordallo Pinheiro, o mais antigo dos amigos de Cyriaco, um dos mais dedicados.

E as pequeninas choravam e cortava o coração o que ellas diziam.

A mais novinha não percebia o que era a morte e via a mãe a chorar e a dizer-lhe que nunca mais havia de ver o pae. E a Piedade, com os seus oito annos, não sabia por quem chorar, se pelo pae morto, se pela mãe que chorava. E disse:

— Não chore. Diz que eu sou parecida com o Papá; faça de conta que elle ainda está ao pé da Mamã... e que fui eu que morri.

Aquellas criancinhas herdaram do pae a alma bellissima, a bondade e o talento.

São de commover as manifestações que á memoria do grande musico se teem feito e hão de fazer-se em Lisboa e no Porto. Sirvam todas para melhorar o futuro d'essas innocentes, que até por ellas o mereciam, outro fosse embora o nome herdado.

Vale a pena ser-se bom. Se vale!... Na vida nem sempre... Mas vale na morte.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Afivelando as malas.

Esta carta não me precederá em Lisboa mais do que dois ou tres dias. Não ha remedio senão dizer o derradeiro adeus a todas estas alegrias, palacios maravilhosos, illuminações esplendidas, festas e concursos, aldeia suissa, galerias d'obras d'arte, milagres da industria, theatros, cafés-concertos, porta monumental!

A ultima verdadeira grande festa foi a dos automoveis, favorecida por um dia esplendido. O dia das entradas gratis não deu á exposição nenhum aspecto differente. Deveria, para ser curioso, de ter-se escolhido um domingo. O operario não esteve para perder um dia, o que lhe custaria muito mais caro do que um ticket, e não foi lá.

Quando foi dos espectaculos gratuitos em Lisboa, por occasião do centenario do descobrimento da India, tambem o aspecto da sala era a de todas as noites em que os theatros se enchem com os irmãos de Nossa Senhora da Graça. Afinal cá como lá os borlistas são toda a gente.

A exposição fechou na segunda-feira, 12, ás onze horas da noite. Foi, como era natural, concorridissima, talvez mais do que no domingo. Os tickets vendiam-se por preço infimo, tres por um soldo! A' noite, chegavam-se a dar de graça!

Isto é que era de fazer crescer agua na bocca aos irmãos da sobredita irmandade lá de Lisboa.

Apesar de não ter correspondido ás esperanças de muitos e comquanto por todos os lados se oiçam amargas queixas de pequeninos e grandes emprezarios fallidos, chega a parecer incrivel que o numero de visitantes fosse de quasi cincoenta milhões. Dias houve em que entraram no recinto mais de seiscentas mil pessoas.

Foi esta sem duvida a mais notavel das exposições.

A ultima noite foi, porém, triste, como o são todas as despedidas. O mal foi aggravado pela chuva miudinha, que desde o principio da noite começou caindo, prejudicando muitissimo o effeito das illuminações.

Muito se trabalhou para definitivamente o fim deslumbrante conseguido. A exposição poz um remate glorioso no seculo XIX. Os encarregados pelo governo portuguez de olharem pelas nossas coisas desempenharam-se da tarefa com honra e bem merecendo dos que n'elles confiaram. Trabalharam deveras. Vae demonstral-o uma pequenina historia.

Ha poucos dias encontrei-me com Antonio Arroyo, n'uma das minhas corridas atravez de recintos ainda não por mim explorados. — E quantas coisas me ficaram por ver! — Antonio Arroyo corria ainda mais atarefado do que eu.

— Andava agora a ver isto, disse-me elle com aquella voz de stentor e aquelle olhar luzente por detraz dos oculos, que todos lhe conhecemos, vivo, intelligente.

— E que tem já visto?

— Nada!

— Nada?

— Como queria você que eu já tivesse visto alguma coisa?

O trabalho foi insano; mas os resultados foram completos, como tive o gosto de participar, quando me referi ás recompensas obtidas pelos expositores portuguezes.

E agora... acabou-se.

Afivelemos as malas.

Paris—15 de novembro de 1900. *M. C*

AS NOSSAS GRAVURAS

D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO
E COLUMBANO BORDALLO

Deus os juntou.

Pertencentes a uma familia de grandes artistas, ha muitos annos que os dois irmãos trabalham, um ao lado do outro, ella, senhora da mais rara distincção, dirigindo um grupo gentil de rendeiras, elle, um dos mais originaes talentos portuguezes, compondo seus quadros inconfundiveis.

E um ao outro se auxiliam, em generos d'arte assim diversos, ambos ajudando, como dois devotos, a conservar no templo o perfume casto, a luz mansa, o socego religioso, em que a idéa nasce, cresce, se transforma e fructifica.

O jury da exposição universal premiou-os com medalhas d'oiro. Reproduziram jornaes de todo o mundo os elogios, que logo de principio mereceram as grandes telas de Columbano, seus quadrinhos de genero, os seus retratos. Falando das rendas expostas por D. Maria Augusta, nenhum deixou de á noticia accrescentar palavras de admiração pelo delicioso desenho dos modêlos e delicadissimo louvor, que fazem d'um pedaço de renda mais do que uma obra prima, uma verdadeira obra d'arte.

Os dois grandes artistas, que são incontestavel gloria de portuguezes, voltaram ha pouco de Paris, onde, quando ainda estudante, ao expôr no *salon* o seu primeiro quadro, Columbano mereceu chamar sobre si a attenção dos criticos mais notaveis. Durante esse tempo de luctas e difficuldades, a extremosa irmã mais velha do que havia de ser um dia o vencedor, acompanhou-o com desvelo maternal, insuflando-lhe coragem nos dias sombrios de desalento, que todo o verdadeiro artista atravessa, illuminando-os com o seu carinho, com o seu enthusiasmo, com dulcissimas palavras de vidente.

Jules Guilemot dedica a Columbano linhas de verdadeiro enthusiasmo, no artigo que sobre os pintores portuguezes na exposição publicou no *Messager de Paris*. O *Times* de Nova York diz que Portugal deve orgulhar-se de Columbano, cujos retratos são obras primas. Muitos outros jornaes se referem em termos identicos ao nosso glorioso pintor.

Ambos voltaram alegres pela forma por que a terra, onde fulgem actualmente os mais poderosos talentos artisticos, os recebeu.

Mandava-o a justiça. Os quadros de Columbano foram classificados como os mais caracteristicos da exposição portugueza. A obra da sr.ª D. Maria Augusta Bordallo é um poema encantador, que parece feito dos fios tenuissimos com que invisiveis arachnideos prendem de noite as flores e que as madrugadas orvalham.

Recebeu-os Lisboa na sua volta como merece quem tanta gloria lhe trouxe.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1884-1885

Carmen, de George Bizet, em 4 de abril, por Novelli, Mantelli, Neri, De-Bassini, Morelli, Rossetti, Sparapani, Gori, Waldés, Soldá.

Houve as seguintes danças:

Passo a nove, de Casatti, em 3 de novembro de 1884, por Giuseppina Baetta, e oito segundas bailarinas.

Divertissement, de Casatti, em 15 de novembro por Eugenio Casatti e mulher, e bailarina Ciuppani.

O naufrago, de Casatti, em 24 de janeiro de 1885, por Catarina Casatti, Agostini, etc.

Em 15, 16 e 17 de fevereiro de 1885 houve opera e bailes de mascaras.

Em 8 de janeiro de 1885 foi a recita de despedida de Fidés Devriés. Deu-se a symphonia da *Martha*, 3.º e 5.º actos do *Fausto* e 4.º acto do *Hamlet*. N'esta noite a sala estava illuminada com candelabros, alem do lustre; em cada camarote havia dois retratos d'aquella artista, e cada logar da plateia tinha um de grandes dimensões. A quantidade de flores, que matisavam o palco no 3.º acto do *Fausto*, era enorme e formava um tapete lindissimo. Teve a cantora muitos applausos, coroas, flores, etc. Superintenderam n'esta ovação Antonio de Oliveira e o barão da Regaleira.

Em 13 de fevereiro de 1885 foi a recita de despedida da celebre Marcella Sembrich; cantou-se o 1.º e 4.º actos da *Traviata*, o rondó da *Somnambula*, e valsa *Parla*, de Arditi; a grande cantora tocou no piano n'esta noite. Deu-se o baile *Naufrago*.

Em 12 de janeiro houve em S. Carlos um grande concerto, em beneficio das victimas dos terremotos da Andaluzia, em que cantaram: Borelli, a cavatina de *Semiramis*, Novelli, arioso do *Propheta*, Morelli, aria de Isabel no *Roberto Diabo*, Mantelli, romanza de *Mignon*, Ortisi, a romanza da *Ebrea*, Guille, a aria de *Jesuralem*, Ravelli, a aria de *Joseph* (de Méhul), Rossetti uma romanza de Bonafous, Devoyod, aria de *Carlos VI*, romanza *Nuit d'Eté* (de Salomé), e *Charité*; Nannetti, canto religioso *Venite a lui*, de Daddi; David, aria de *Chalet*, Waldés, uma romanza; cantou-se tambem o duetto da *Sapho* por Novelli e Mantelli.

A orchestra executou n'este concerto as symphon as das *Vesperas sicilianas*, *Guilherme Tell* e *Gazza Ladra*; e o bailado mourisco n.º 2 da cantata *As Orientaes* de Alfredo Keil. Deu-se tambem um *divertissement*.

Em 1 de fevereiro do mesmo anno houve um grande concerto, ou *matinée musicale*, nas salas da redacção do jornal *O Correio da Manhã*, tambem em beneficio das victimas dos terremotos de Andaluzia. Cantaram Sembrich, Borelli, Novelli, Mantelli, Ortisi, Guille, Devoyod.

A celebre cantora Sembrich tambem, n'este concerto, mostrou a sua habilidade como pianista; recitaram: Fernando Caldeira, Luiz Guimarães, visconde de Monsaraz, Augusto Rosa, actriz Virginia, Urbano de Castro, e Rosa Damasceno.

Em 18 e 25 de março de 1885, tocou piano, no theatro de S. Carlos, em recitas de assignatura o capitão Voyer; deu-se na primeira noite a opera *Dinorah* e na segunda a *Aida*.

Em 30 de março foi a festa artistica do barytono Devoyod em S. Carlos; deu-se o 2.º, 3.º e 4.º actos da *Derelitta*, aria do 4.º acto da *Africana*, e o duetto, com Guille, da *Reine de Chypre* (de Halevy).

Em 23 de abril executou-se no theatro de S. Carlos uma *Ave Maria*, para soprano, composição de Sparapani; foi cantada por Paulina Stegner, amadora de origem allemã, acompanhada pela orchestra. Deu-se a opera *Carmen*.

Em 29 do mesmo mez foi a festa artistica de Novelli, com a *Carmen*.

Em 1 de maio, em beneficio das Créches da Rainha, deu-se a opera *Carmen*. A rainha deu brindes a Novelli, Mantelli, Morelli, De Bassini, Sparapani, e *bouquets* a todos os artistas. A receita foi offerecida pelo emprezario, e os preços mais elevados. Em seguida, no mez de maio, deu algumas sessões de prestidigitação Alexandre Hermann.

Em 15 de maio houve no salão de S. Carlos um concerto por amadores, em beneficio de E. Lami.

No mez de fevereiro foram ao Porto, dar tres recitas, no theatro de S. João, a cantora Sembrich, o tenor Antonio Andrade e o barytono Francisco Andrade.

Em 16 de março de 1885 houve no theatro dos Recreios uma representação da opera *I Promessi Sposi*, de Ponchielli, dirigida por Antonio Duarte da Cruz Pinto, e cantada pelos amadores: Luisa da Silva, Gertrudes Mora de Oliveira, Maria Botto, João Affonso (tenor), José Avelino Baptista (barytono), José de Almeida (baixo), Miguel Marques, Leopoldo Ferreira, Paulo do Quental e Gervasio Pedro Correia.

Em 28 de dezembro de 1885 falleceu, de bexigas negraes, a bailarina Giuseppina Baetta; era uma formosa rapariga milaneza, que apenas contava 24 annos de edade; de estatura elevada, e bem feita. Parece que adquiriu a fatal doença indo visitar uma antiga bailarina, que estava com bexigas benignas de que breve se curou. Logo que o mal tomou proporções mais perigosas, fugiram, do mesmo predio em que habitavam, os artistas seus companheiros, a dama Morelli e os bailarinos conjuges Casatti. Não a abandonou porém um amigo, F. Rosa que, segundo se dizia, lhe havia feito a côrte e não havia sido attendido. Se assim foi, mais louvavel ainda se tornou o procedimento d'aquelle que a requestara quando ella estava no esplendor da sua formosura, e que, apesar de repellido então, não a desamparou nunca desde que a terrivel doença a transformára, tornando-se a cara e o corpo desformes e negros, já tudo invadido pela decomposição que precedia a morte, que em tão verdes annos veio colher em Lisboa a joven bailarina. Ao enterro foi o emprezario Campos Valdez e alguns poucos amigos da bailarina. A casa onde morava, na rua do Thesouro Velho, n.º 2, 2.º, foi logo desinfectada, e por algum tempo ficou desabitada.

Um episodio comico e tumultuoso se deu n'esta epocha no theatro de S. Carlos. O tenor Ravelli, com quem o publico não sympathisava, tinha sido pateado algumas vezes, pelo que, mostrava uns ares provocadores á plateia, chegando em algumas occasiões até a dirigir insultos por palavras e gestos ao publico, o que produzia grandes pateadas e vozearia contra elle. Em uma noite que se reproduziram estas scenas, houve em um intervallo, no palco scenico, á porta do camarim d'aquelle artista, uma troca de insultos entre elle e o *dilettante* Boaventura Macedo, sendo Ravelli aggredido e ferido na cara. Esta scena originou grande burburinho, fugindo uma bailarina, Pepa Martin, para fóra do panno de bocca, gritando pela policia. A auctoridade interveiu, e não consentiu que o tenor Ravelli cantasse mais em S. Carlos, e a empreza rescindiu-lhe a escriptura.

Duas celebridades abrilhantaram a scena lyrica de S. Carlos n'esta epoca: Fidés Devriés e Marcella Sembrich.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

O General Joaquim Carlos da Silva Heitor

N'esta missão dos que escrevem, ha transes dolorosos e ao mesmo tempo gratissimos, ainda que o paradoxo pareça um pouco phantasioso. Dolorosos, quando a nossa penna se molha duplamente em tinta e em lagrimas, para traçar o panegyrico dos mortos que amámos e venerámos; gratissimos, porque ao nosso egoismo affectuoso e saudoso, nos parece que a nossa amisade e á nossa estima, (que a morte apenas conseguiu cortar no seu ponto material, que não no amor que memorialmente nos fica no coração) pertence de jús e de direito essa piedosa tarefa de cuidar-mos d'elles, com todo o carinho e extremo com que, quando vivos, lhes cuidámos das suas personalidades.

Tal me passa n'este momento, ao cumprir com o derradeiro dever de amigo, deixando aqui expressa, não uma biographia banal e fria, mas um sincero preito de saudade á memoria do general Joaquim Carlos da Silva Heitor, d'esse honrado e nobilissimo velho de 71 annos, que foi um dos meus mais dedicados e sinceros amigos.

E é-me grato sobremaneira, terem-me escolhido para traçar as linhas que acompanham o retrato d'esse grande homem de bem, d'esse philantropo, e d'esse benemerito, cuja vida foi um calvario de desventuras e um crisol de bondades, de abnegação e de virtudes, tanto mais preciosas, quanto mais elle escondia a mão prodiga com que as praticava.

Para que transcrever aqui a biographia militar do illustre extincto?

Foi um official digno que honrou a sua patria, a espada, e as dragonas que o Estado lhe entregou, e n'isto está feito o seu mais completo elogio como membro da honrada familia do nobre exercito portuguez.

Onde quer que o seu nome fosse chamado ao cumprimento dos seus deveres, sempre o encontraram obediente, disciplinado, brioso, resoluto e distincto.

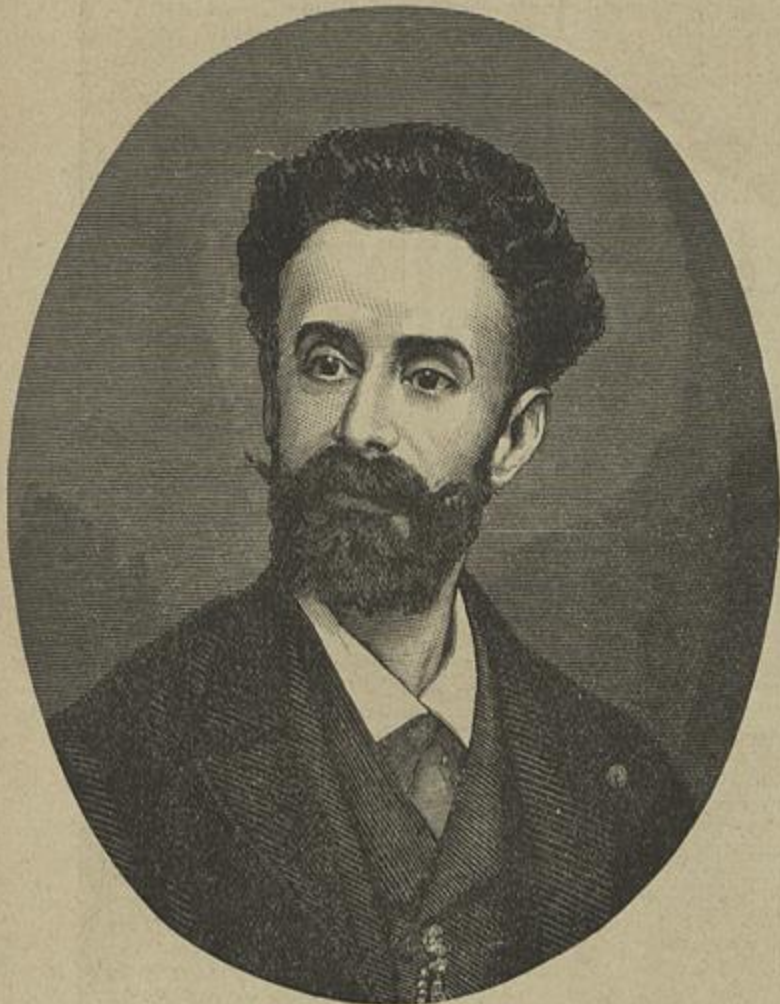
Cumpriu religiosa e nobremente a sua missão militar, e quando essa findou, quando a patria lhe dispensou os serviços e a idade lhe segredou que era tempo de descançar, deu-se a cumprir socialmente com outro dever, que a si proprio impoz pela levantada nobreza do seu caracter, pela immarcessivel bondade do seu coração.

Esse dever, que poucos talvez saibam apreciar e louvar como elle merece, em resultado do nosso manifesto atrazo civilisador, foi a disvellada sollicitude com que elle cuidou de manter n'uma situação digna e levantada a Sociedade Protectora dos Animaes, benemerita instituição, destinada a adoçar os instinctos selvagens das classes rudes, e a defender os animaes contra os maus tratos e crueldades que essas classes lhes infligem.

Se não conseguiu dar á Sociedade a vida desafogada e prospera que em innumeras cidades europeias e americanas manteem as associações de identica natureza, mercê do grau de cultura moral e social dos seus habitantes que por isso lhes conhecem os intuitos e a influencia educadora, foi isso devido a serem os poderes publicos os primeiros a contrarial-o e a difficultarem-lhe a resolução das suas legitimas aspirações.

Na restricta esphera do que porém lhe era possivel executar, Joaquim Carlos da Silva Heitor

O REAL THEATRO DE S. CARLOS. — Scenas da opera *Carmen*, de Bizet. — Scenographia de Luigi Manini

O Real Theatro de S. Carlos

AUGUSTO MACHADO

VISCONDE DO ARNEIRO

fez tudo quanto pôde, e que bastante foi, não só para honrar o nome da Sociedade, como ainda para destender a sua acção philantropica e caridosa.

A elle se deve tambem a publicação regular e cuidada do *Zoophilo*, revista illustrada na qual se encontra claramente exposto todo o movimento e popularisação que no estrangeiro tem tido as Sociedades Protectoras de Animaes.

O honrado militar era um bondoso por temperamento, por caracter, por educação e por uma irresistivel tendencia do seu espirito philantropico, sempre inclinado á pratica incondiccional do bem.

Devida á alta respeitabilidade do seu nome e aos bem elaborados protestos que varias vezes publicou contra a selvagerie das toiradas, conseguiu que o publico tomasse a Sociedade á conta d'uma instituição séria e civilisadora, cujos serviços teem sido bastantes, mudando mutito os antigos habitos d'aquelles que se utilisam do trabalho dos animaes que os ajudam a ganhar o pão de cada dia, e corrigindo por meio da fiscalisação dos seus guardas especiaes, os impetos de brutal furor de alguns, dotados dos mais bestiaes e deshumanos instinctos.

Foram muitos os momentos de desanimo que o velho general soffreu durante o tempo que se dedicou a bem servir a Sociedade. — As auctoridades em especial, deram-lhe terriveis desillusões pela forma porque, não só o não auxiliaram, mas ainda pela pouca importancia que ligavam ás leis que prohibem os maus tratos applicados aos animaes.

Mas, o seu amór á causa porque propugnava era tão forte e intenso, tão sincero e arreigado, que, cobrando animo, lá continuava a trabalhar e a interessar-se, até que a morte o veio surprehender a meio da sua philantropica e altruista missão.

Gloria e paz ao illustre morto, ao qual os rouxinoes não farão mais do que cumprir um dever de grata piedade, se ao romper do sol forem todas as manhãs desferir um cantico sobre a sepultura d'elle, que tanto n'este mundo, amou, defendeu e protegeu, aquelles viventes, filhos de Deus como os homens, e aos quaes a natureza negando-lhes o dom da palavra e do raciocinio, não isentou porém do soffrimento e da infelicidade, permittindo-lhes que possam distinguir os seus protectores e amigos, dos seus verdugos e inimigos.

Alfredo Gallis.

GENERAL JOAQUIM CARLOS DA SILVA HEITOR

FALLECIDO EM 10 DO CORRENTE

SCIENCIA MODERNA

(Continuação)

TELEGRAPHIA SEM FIOS

III

(Continuação)

De ha muito já, se conhece a existencia das ondas luminosas e tambem a sua applicação á telegraphia sem fios. Foi isto talvez que suggeriu no espirito dos homens de sciencia a ideia de que, supposta a existencia das ondas electricas, facto que d'antes era perfeitamente problamatico, se poderia estabelecer communicação entre dois pontos distantes por meio d'ellas, e por conseguinte obter a telegraphia sem fios por meio das ondas electrcas. Voltaremos em breve a este assumpto que, por um simples facto de associação de ideias nos lembrou mencionar.

Vejamos agora como é que se applicam as ondas luminosas á telegraphia sem fios, apparelhos hoje uzados, sobretudo entre os militares, para transmissão de signaes entre dois pontos.

O principio que predomina em toda esta especie de apparelhos é o seguinte:

«Projectar a uma certa distancia um feixe de raios luminozos e simultaneamente produzir a transmissão dos dizeres por signaes correspondentes aos de Morse».

Poderemos agrupar em duas especies todos os apparelhos bazeados n'este principio utilizando-se das ondas luminozas para a transmissão dos signaes. São estes os apparelhos opticos de telegraphia sem fios,

por meio dos espelhos, e os apparelhos opticos de telegraphia sem fios por meio das lentes. Os primeiros compõem-se de uma caixa prismatica, tendo dois espelhos; um d'elles, o maior, collocado ao fundo da caixa; o segundo na extremidade opposta. Nos apparelhos da segunda especie, os espelhos são substituidos por lentes biconvexas semelhantes áquellas que hoje são empregadas nos pharoes, e que teem por fim reunir n'um só feixe cylindrico, o feixe conico dos raios luminosos originados pelo foco de luz. O apparelho, quer n'um, quer n'outro caso, completa-se com um oculo destinado a differenciar os signaes enviados pelo posto correspondente, um manipulador e um foco luminoso que de dia, poderá ser eliminado, bastando simplesmente a luz solar para a transmissão dos signaes. A pequena distancia do foco luminoso, ha uma divisão que separa a caixa em duas partes, e na parte central d'esta divisão, existe uma abertura circular cujo diametro está calculado, de forma tal que essa abertura fique um pouco mais acima da direcção do feixe luminozo emittido pela luz. E' entre essa divisão e a luz que se deve collocar o manipulador.

Um dos defeitos d'este genero de telegraphia é o de não restar vestigio algum da correspondencia trocada, nem tão pouco permittir o seu segredo absoluto.

Para attenuar esse inconveniente, Zickler, fundado na facilidade que os raios luminosos teem em facilitar as descargas electricas, sobretudo os raios violetas, imaginou a seguinte modificação n'estes apparelhos:

O apparelho da estação expedidora compõe-se de uma lampada collocada n'uma camara. Os raios luminosos são dirigidos para a estação receptora, e devem ser concentrados na direcção de um orificio existente n'essa camara, quer por um reflector, quer por uma lente de quartzo, substancia que, como é sabido, tem a particularidade de absorver os raios violetas. O apparelho da estação receptora consta de uma caixa de vidro hermeticamente fechada com uma abertura obstruida por uma lamina de quartzo. Dois electrodos metallicos cobertos de platina atravessam as paredes da caixa, um d'elles, a alguns millimetros do diametro, o outro inclinado de 45° sobre o eixo da caixa, de forma tal que seja facil dirigir um feixe de raios que atravessem a abertura de quartzo. Com o fim de limitar a zona dos raios luminosos que se dirigirem para essa abertura, colloca-se deante d'esta, uma lente egualmente em quartzo que se desloca ao longo do seu eixo por meio de uma cremalheira. Os electrodos acham-se ligados a uma bobine de Ruhmkorff.

Os raios violetas ferindo os electrodos produzem a faisca. Estes apparelhos projectando os raios sómente n'uma certa direcção, facilmente podemos concluir que não podem ser utilisados na transmissão de signaes entre dois navios, nem tão pouco na transmissão de signaes entre um navio e a costa em consequencia da constante mobilidade d'estes. Só no caso dos navios se acharem ancorados n'um porto, é que este processo poderá ter applicação para esse fim.

(Continua) *Antonio A. O. Machado.*

QUESTÕES SOCIAES

(A MULHER)

> «A natureza olha o exterior do homem, a graça converte-se ao interior».
>
> (Da *Imitação de Christo.*

> «A mulher tem o seu modelo e exemplar na Virgem Maria. A humanidade ama-a, respeita-a e venera-a porque a encontra aos pés da cruz».
>
> José Fernando de Sousa.
> (*Nemo*)

Quem, melhor do que a Virgem de Nazareth, tem jus á admiração das gerações humanas?

Filha obediente e respeitosa de seus paes, esposa pura e immaculada de José, mãe sublime na mais alta significação d'esta palavra, é sempre castissima e humilde: ruborisa-se ao responder ao enviado desconhecido que lhe dirigiu a saudação singular, e permanece, verdadeira estatua da dôr angustiosa e da resignação augusta junto do madeiro que o sangue precioso de seu filho amantissimo humedecia!

São estes os modelos perfeitos, na imitação dos quaes é possivel a ascenção gloriosa na marcha dos progressos sociaes.

Não é real a civilisação que nunca logra offerecer quadros que se approximem do d'aquella vida honesta e candida.

Certamente, somos muito cheios de vicios e em grande parte dominados por paixões mesquinhas; mas deu-nos Deus na vontade e na liberdade um poder extraordinario para vencer e castigar as inclinações más.

Se o mau homem é um ente perigosissimo quando pretende tornar-se educador, a mulher vaidosa, embora superiormente intelligente, exerce entre os seus contemporaneos uma acção mil vezes mais perniciosa e tremenda.

Não quero negar á metade gentil do genero humano o merito intellectual de que tem dado evidentes provas em todos os ramos da actividade; isso seria desconhecer a historia e tentar illudir-me relativamente aos factos. *Contra factos não ha argumentos*: disse-o a sabedoria das nações, e ahi vão sendo transmittidos de edade em edade os nomes inolvidaveis de muitos seres femininos que attingiram proporções grandiosas e até não foram excedidos pelo sexo forte.

Nenhuma duvida existe porém, de que taes casos constituem excepções honrosas á generalidade e de que o campo adequado á mulher, a sua esphera legitima e genuina, é no seio da familia, no lar domestico.

Que importam os seus feitos arrojados e dignos, os diplomas justamente alcançados por mulheres guerreiras ou escriptoras, que apenas poucos conheceram e admiraram, e cujo valor intrinseco se extinguiu rapidamente com a morte d'ellas?

Não são de ordinario, os successos ruidosos aquelles de que deriva maior somma de bens para os povos, nem os mais uteis a ensinamento intimo na educação.

A boa mãe de familia que se entrega com santo amor e cuidado escrupuloso á sua missão de amparo e de protecção aos filhos, e vae pouco a pouco incutindo-lhes no animo principios de justiça, e tudo isto, sem modos affectados, sem ameaças nem violencias, antes naturalmente, uma tal mãe é obreira directa e poderosa dos bons costumes e da civilisação.

Os proprios servos, habituados a ver de continuo procedimento regular e a receber provas de bondade, apprendem insensivelmente a sã moral, e a seu turno transmittem a suas respectivas familias as licções do bom senso e da experiencia dignificada.

Quão mais proveitosa, humanamente falando, é a vida da mulher que assim comprehende o seu papel social, do que a das litteratas e das philosophas?

Aquella Judith que, matando Holofernes, salvou a sua cidade dos horrores que se seguiriam ao seu assalto e tomada; a famosa Debora, que chegou até nós pela inspiração d'um cantico de victoria; as heroinas de todos os tempos, em cujo numero sobresaem os vultos das christãs que soffreram nos seculos das perseguições, e d'outras que, como Joanna d'Arc, embora tambem vil e infamemente calumniadas por Voltaires de diversa extracção, se impõem todavia á justa apotheose da Historia e á espontanea admiração do mundo, numa palavra, todas as mulheres celebres demonstram á luz da evidencia que o seu sexo é susceptivel de emprehendimentos largos, de actos de viril coragem, de rasgos temerarios capazes de evitar a agonia d'um povo, mas, o que seria do mundo, se, em vez de se occuparem de cousas domesticas, só tratassem de bellas lettras, de questões universitarias, de assumptos de alta politica?

Não foi como oradora, nem como guerreira ou escriptora que a romana Cornelia conquistou a immortalidade da gloria, foi porque era mãe, mãe educadora dos Gracchos!

Infinitamente acima d'esta mãe illustre, com razão apontada como modelo, está a figura inconfundivel da Virgem de Nazareth: é bem que a não olvidemos; merecem meditação as palavras transcriptas no thema d'este capitulo.

A marqueza de Bassanville escreveu o seguinte trêcho judicioso: «A felicidade encontra-se geralmente num lar simples e modesto, e não no mundo e nos seus prazeres.

«Em sua propria casa, sob o humilde tecto domestico, é onde pode a mulher conservar mais facilmente o amor e estima da sua familia, de seu marido e de seus filhos. Ali vive coração com coração com elles, trata-os, ama-os, educa-os, comprehende os, em tanto que a que se lança no turbilhão inebriante do mundo, não encontra ordinariamente a seu lado senão decepção, cansaço e tedio; e sabido é que o tedio é o peor de todos os conselheiros.

«Em sua familia, pensa sempre a mulher virtuosa no bem e trabalha para o bem, com o fim de se livrar do mal e das suas consequencias, porque o bem é para o mal o que é o sol para o frio; quando desapparece o sol, vem o frio, e augmenta á proporção que desapparece o calor.

«Pelo contrario, longe dos seus, a mulher orgulhosa deixa gelar o coração, e permanece d'esta sorte sem defensa ante o perigo que a arrasta para a precipitar no abysmo. A pobreza da alma é mil vezes peor que a da fortuna».

Uma outra senhora, a cuja penna é devido um livro primoroso *A Mulher Christã*, madame M. de Marcey, diz na introducção do seu trabalho imparcial, elogiado por distinctos prelados francezes e pelo fallecido cardeal D. Americo: «Talvez se citasse, entre as mulheres, um Bossuet, um Newton, um Pascal, se não fosse a enorme differença que existe na classe elevada entre a educação d'ellas e a dos homens. Se não as roubassem sempre os cuidados da familia ás occupações d'uma ordem superior, talvez se entregassem com tanto fructo como o homem ás investigações profundas e sabias. Talvez attingissem tão frequentemente como elle essa varonil eloquencia que, no actual estado das coisas, o distingue e o colloca tanto acima d'ellas.

Demais, esta opinião em nada altera a questão; e, seja qual fôr a causa, sempre são os mesmos a posição e os deveres da mulher. Pois é necessario que não esqueça que foi o proprio Deus quem traçou essa linha de proceder; que foi Deus quem lhe deu essas occupações; que foi Deus quem lhe poz á intelligencia essa barreira sempre subsistente. Longe, pois, de buscar subtrair-se a tudo isso, transtornando a ordem sagrada da sua Providencia, deve submetter-se plenamente, tendo-se por feliz com a parte que se lhe destinou, pois *Deus lhe escolheu a melhor, e não lhe será tirada* (S. Lucas): esperemol-o assim.

«Sim, esperemol-o por ella, pois que o conhecimento do mundo não lhe pode fazer invejar outra vocação. Os extravios e a meude as manchas da litteratura e da sciencia não devem induzil-a a verter lagrimas pelo logar que não pode occupar n'ellas; e até accrescentarei que os escolhos contra os quaes teem ido bater quasi todas as que teem tentado occupar esse logar, deveram fazer-lh'o temer como uma desgraça, ainda quando não se visse sujeita por occupações e dores que são uma das condições da sua existencia.

«*As mulheres formam os costumes*; mas quando os querem tornar puros e quando resolveram operar uma regeneração religiosa, individual ou social, conseguem n'o d'outro modo que por meio de controversias ou discursos. Não ha duvida que uma mulher não deve parecer alheia ás questões sérias que se ventilam ante ella, senão que, logo que ha lucta, pode apresentar-se utilmente como pacificador e não como campeão, ahi como em toda a parte, não se desgostando nunca e nunca desgostando ninguem».

Tudo quanto eu escrevesse não teria o valor incontestavel e rigorosamente insuspeito dos alheios periodos cheios de verdade que ahi ficam. Madame de Marcey prestou um serviço relevante á sociedade offertando-lhe um livro esplendido, producto consciencioso dos seus labores, reflexo nitido de convicções firmes, emprego magnifico do seu espirito culto nas horas de ocio que surgiam.

Ainda destacarei do bello livro *A Mulher Christã* mais alguns periodos deliciosos de bom senso e de juizo claro:

«Finalmente e sobretudo, diz a respeitavel senhora no capitulo *Adolescencia*, pairando como a aguia nas regiões elevadas e puras, e dominando as outras sciencias como ella ás outras aves, o estudo profundo, sério, arrazoado e até philosophico da religião e da sua historia, deve não só occupar o primeiro logar no entendimento d'uma mulher, senão até enchel-o completamente. E' esse o oceano incorruptivel que Deus separou do barro nos dias da creação, deixando o não obstante á terra para a refrigerar. Elle proprio lhe marcou os limites, e estes limites, confiados á vigilante guarda da Egreja, resistem a todos os embates e sustentam todas as fraquezas.

«As outras sciencias não são mais que pequenissimos affluentes comparadas com esse mar immenso, e até seccam e se corrompem quando se não vão regenerar n'essas aguas tão vivas, apesar da sua apparente estagnação.

«A sciencia religiosa é para uma educação como esses estandartes bemdictos, que levam nas nossas procissões meninas vestidas de branco. As leves e ondeantes fitas que d'elles se erguem ao sopro da brisa, são os outros estudos, de continuo agitados pelo vento da inconstancia e dos descobrimentos humanos. Se a fita se separa da bandeira, inutilisa-se, e deita-se fóra: o mesmo deve fazer-se a toda a sciencia que tenda a apartar-se da religião».

Era tambem n'esta ordem de idéas, que já tinha dito o auctor inspirado da imitação: «Emprega estudo na mortificação dos vicios; porque te aproveitará isso mais que a noticia de muitas difficeis questões».

As longas citações de escriptos de mulheres illustres, de que julguei indispensavel fazer menção, creio corroborarem o meio sentir; a mulher, muito embora dotada de saber enorme, de faculdades poderosas, de talento extraordinario, só conquista de direito logar proeminente e exerce influencia salutar e verdadeiramente civilisadora, se na sua alma existem crenças arraigadas e santas, se em alguma das tres phases typicas ou em todas porque passa no lar domestico um ente feminino, pode em si propria offerecer exemplar, isto é, se foi boa filha, esposa casta ou mãe dedicada. E' n'este pedestal ingente que se firma a sua realeza soberana, é ahi, ao calor da familia, «guarida unica, conforme disse o traductor da mais bella producção de Paulo Janet, onde a gente se sente verdadeiramente resguardada das tempestades do mundo e dos baldões do infortunio», é ahi que circumda a sua fronte com inexcedivel brilho a aureola dos justos e dos bons.

E' então que lhe podemos applicar, affirmando-as a nosso turno, as phrases do insigne Janet: «A mulher não tem só o poder de sustentar e alevantar, mas o de consolar.

«A natureza, que lhe deu o magico thesouro das lagrimas, dotou-a tambem com o meigo dom do conforto.

«A mulher opera o milagre de reconduzir o sorriso aos labios, quando golpeiam o coração as amarguras do infortunio».

Educar a mulher é hoje mais do que nunca missão imperiosa e dever de todos. Fale ainda Janet: «Cumpre, pois, que na educação das meninas circumspectamente se observe o justo meio termo entre o excessivo escrupulo que mata toda a imaginação e vigor do espirito, e a pretenção faustuosa que faria d'ellas um tomo de sciencia vã e de orgulho estupido. Nos dois seguintes pensamentos de Fénelon vem elegantemente descripta a medida a que nos reportamos: «Ensinae-lhes que tão delicado «deve ser o pudor para a sciencia, como o que lhes vem do horror do vicio...» «A ignorancia de uma joven é causa de aborrecito, e motivo para não saber occupar-se innocentemente».

Religião e Moral! — são estas as primeiras e melhores amigas do sexo feminino, e as unicas a darlhe as necessarias forças de resistencia ás seducções e aos perigos do mundo.

«O maior inimigo da donzella e da mulher, disse o citado Janet, é o aborrecimento. O aborrecimento convida a mulher a buscar distracções para a imaginação, distracções, que apparentemente dôces e innocentes, ganham manso e manso o fundo da alma, matando a força de querer e obrar, atirando-a depois como presa ás paixões da mocidade».

Pondere-se sisudamente o que pensaram ácerca da mulher, maravilha da creação pelo sentimento, tão sensatos engenhos de ambos os sexos; examine-se o estado actual em que ella se encontra no paiz e especialmente na capital; solicitem-se e façam-se convergir para um assumpto tão momentoso e grave as attenções de todos que possam influir para a sua melhor orientação e mais proveitosa educação.

Sejam as senhoras as que principalmente cooperem n'esta obra redemptora. Organisem um congresso, arvorem-se iniciadoras da nova cruzada, mostrem se ao povo, falem, escrevam, porque é sua legitima esphera de acção, campo muitissimo apropriado ao seu nobre mister, uma como ampliação, para fóra da familia de casa, mas recaindo egualmente sobre irmãos do exterior, da sua ternura delicada e da sua palavra meiga e consoladora.

A palavra do Salvador restituiu outr'ora ás alegrias intimas da consciencia tranquilla, a mais celebre peccadora de todas as idades. E a Magdalena, tocada a tempo pelo arrependimento, ficou patente á contemplação da humanidade, que a respeita. Pois bem, vós senhoras que me lêrdes, intelligentes, opulentas ou remediadas, emprehendei espalhar pelas menos favorecidas da fortuna a instrucção religiosa, procurae levar ao animo das mais infelizes de todas o orvalho purificante da compunção que reahabilita e regenera; tereis assim merecido o applauso da justiça da terra e as bençãos de Deus.

D. Francisco de Noronha.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

(Continuado do numero antecedente)

— Como foi isso?

— Com uma pomada que me deu um renegado italiano. A's quantas vamos?

— Desasete.

— Pois ainda mais tres, meus filhos, e cuidem-me d'essas ultimas.

Os ultimos golpes foram vibrados sobre uma parte sanguinolenta, mas insensivel. A dôr quasi me havia paralysado.

Levantaram-me do esquife; desataram as cordas; embrulharam-me os pés com pannos molhados em agua fria, e, porque eu morria de sede, como todos o feridos, deram-me a beber um gran de copo de vinho.

Com as forças reanimou-se-me a colera. Não sei se o senhor é como eu; não conheço nada mais humilhante do que um castigo phisico. Não tolero que o rei da criação possa, por um minuto que seja, ser escravo d'um cacete. Haver nascido no seculo XIX, manejar o vapor e a electricidade, possuir uma boa metade dos segredos da natureza, conhecer a fundo quanto a sciencia inventou para bem estar do homem, saber como se cura a febre e se evitam as bexigas e como n'uma bexiga se dá cabo d'uma pedra, e não poder evitar uma cacetada é, na verdade, demais!

Quando me vi sentado na lama, com os pés paralysados pela dôr, e vi, em volta de mim, os homens que me haviam batido, aquelle que os havia mandado e os que me tinham visto a ser desancado, a raiva, a vergonha, o sentimento da dignidade ultrajada e da intelligencia brutalisada, sopraram-me no corpo debil odios, revoltas e vinganças. Tudo esqueci, calculos, interesses, prudencia e o meu futuro; abri a torneira a todas as verdades que me suffocavam; uma torrente de injurias espumante subiu-me aos labios, emquanto a bilis derramada, como espuma amarella, até do branco dos olhos me sahia.

Quanto pode ultrajar um homem no seu orgulho, ternura, sentimentos mais caros, disse-o ao Rei das Serras. Desci-o á craveira dos animaes immundos, neguei-lhe o nome d'homem. Insultei-o na mãe, na mulher, na filha e em toda a posteridade.

O auditorio uivava ás minhas palavras como uma matilha de cães sob o chicote do moço. Mas, por muito que observasse o rosto do velho pallicaro, que espiasse os musculos da cara e investigasse avidamente o que se passava na mais pequenina ruga da testa, nem vislumbre observei d'uma commoção. Era um busto de marmore. Aos ultrages respondia pela insolencia immovel do desprezo. Aquellas maneiras exasperaram-me até á loucura. Uma nuvem côr de sangue passou-me pelos olhos. Ergo me de repente sobre os pés ensanguentados, vejo uma pistola á cinta d'um bandoleiro, deito-lhe mão, armo o gatilho, aponto contra o Rei, disparo e caio para traz, gritando:

— Estou vingado!

Quem me veio levantar foi elle. Contemplei-o com estupefacção tão profunda, como se o visse sahir dos infernos. Não parecia commovido e sorria tranquillamente como um immortal. Pois não era porque eu tivesse deixado de lhe acertar. A balla batêra-lhe na testa, a um centimetro por cima do sobr'olho esquerdo. Provavam-o umas gotas de sangue.

O monstro invulneravel ajudou-me a sentar com todo o cuidado, dobrou-se sobre mim e deu-me um puxão de orelhas.

— Mancebo, porque ha de tentar o impossivel? Já o tinha prevenido de que tenho a cabeça á prova das ballas e bem sabe que nunca minto. Não lhe contaram já que Ibrahim me tinha mandado espingardear por sete egypcios e que nem assim obtivera a minha pelle? Pois queria valer mais que sete egypcios? Sim, senhor, tem a mão leve para um homem do norte! Olhe se a minha mãe, de quem ainda agora falava, não me tem construido com tão bons materiaes! A estas horas estava prompto!... Isto remoça-me! Lembra-me os meus bons tempos! Não lhe quero mal e perdôo-lhe um movimento de vivacidade. Mas como nem todos os meus subditos estão á prova de balla e o sr. pode qualquer dia deixar se arrastar por nova imprudencia, applicarei ás suas mãos o mesmo tratamento que demos a seus pés. Por interesse da sua saude esperaremos até ámanhã. A'manhã ja terá que fazer. Os presos não sabem como hão de passar o tempo. O senhor por exemplo: quem o aconselhou mal foi a ociosidade. Descance; logo que chegue o seu resgate, eu curo-o d'esses arranhões.

Como não sou grego, as injurias offendem-me tanto como a bordoada. Mostrei o punho ao velho patife e gritei-lhe com todas as minhas forças:

— Não, miseravel, nunca o meu resgate te ha de ser pago, nunca, porque não pedi dinheiro a ninguem! De mim só terás a cabeça, que de nada te servirá. Toma conta d'ella desde já, para teu bem e meu! Poupas-me quinze dias de tormento e o desgosto de ver-te, que é d'elles o maior!

Sorriu-se, encolheu os hombros e respondeu:

— Ta! ta! ta! ta!... Rapazes! São sempre assim! Se eu quizesse attendel-o, d'aqui a oito dias ambos nos haviamos de arrepender. As inglezas, pagam decerto. O que não se diria, se eu o matasse hoje e o resgate chegasse ámanhã! Logo todos diriam que eu tinha faltado á minha palavra e todos os presos d'ora ávante deixar-se-hiam degolar como cordeirinhos, sem pedir um soldo aos paes. Nada de estragarmos o officio!

— E ainda tu crês que as inglezas te pagaram, homem talentoso! Pagaram-te como tu merecias.

— Muito obrigado.

— O resgate d'ellas vae custar-te oitenta mil francos, percebes? Oitenta mil francos para fóra da tua algibeira!

— Não diga isso! Parece que foi na cabeça que lhe deram as pauladas!

— Digo-te a coisa como é. Lembras-te do nome das tuas prisioneiras?

— Não me lembro; mas tenho-o apontado.

— Vou ajudar-te a memoria. A senhora chamava-se M.^{es} Simons.

— E depois?

— Associada da casa Barley de Londres.

— Do meu banqueiro?

— Tal qual.

— Como sabes o nome do meu banqueiro?

— Porque dictaste a tua correspondencia na minha presença.

— Que me importa! Não podem roubar-me; não são gregos, são inglezes; os tribunaes... Recorro a elles!

— E perdes. Passaste recibo.

— E' verdade! Mas porque fatalidade passei eu recibo?

— Desgraçado, porque assim te aconselhei!

— Miseravel! Cão mal baptisado! Schismatico do inferno! Arruinaste-me, trahiste-me, roubaste-me! Oitenta mil francos de que sou responsavel! Se ao menos os Barley fossem banqueiros da companhia, só perdia a minha parte; mas só teem os meus capitaes e perco tudo! E estás certo de que ella é associada da casa Barley?

— Como de ter de morrer hoje!

— Enganas-te; só morres ámanhã. O que soffreste foi ainda muito pouco. Has de soffrer por oitenta mil francos. Que tormentos hei de inventar? Oitenta mil francos! Seriam poucas oitenta mil mortes!... Mas se houvesse duas casas com o mesmo nome?

— Cavendish square, 31!

— Sim, sim, é ahi! Idiota, porque me não avisaste em vez de me trahires? Havia de exigir-lhes o dobro e ellas haviam de pagar-me, que teem dinheiro para isso. Não teria passado recibo... Nunca mais passo recibo! Nunca mais!... Recebi cem mil francos de M.^{es} Simons! Que idiota que eu fui!... Mas agora me lembra, não assignei!... Pois sim, mas o meu sello tanto vale como uma assignatura. Teem lá mais de vinte cartas minhas. Porque me pediste esse recibo? Que esperavas d'essas mulheres? Quinze mil francos para teu resgate? Sempre o egoismo!... Se te alias comigo, deixava-te ir sem resgate, talvez até pagando-te. Roubaste-me! Roubaste o dote de minha filha para quem trabalho. Um anno inteiro corro essas serras para ganhar quarenta mil francos. Extorquiste-me dois annos de vida!

Até que emfim encontrára a corda sensivel do velho palicaro! Mercê não havia que esperar para mim, mas sentia não sei que amarga alegria vendo transtornada aquella mascara impassivel de estatua de marmore. Segui nos sulcos d'aquelle rosto os movimentos convulsos da paixão, como naufrago perdido n'um mar em furias admira ao longe a onda que ha de tragal-o. Com orgulho dizia a mim mesmo:

— Morrerei nos tratos, mas sou amo do meu amo e algoz do meu algoz.

VII

John Harris

O Rei contemplava a sua vingança como homem em jejum contempla um bom jantar. Examinava, um por um, todos os pratos, isto é, todos os supplicios; lambia os beiços sequiosos, mas não sabia por onde principiar. Parecia que a fome, por excessiva, lhe tirava o apetite.

—Aconselhem-me, gritou aos subditos. Estupidos, vejam se me descobrem um supplicio que valha oitenta mil francos!

O pagemzinho disse então ao amo:

—Uma idéa. Tens um official morto, outro ausente, outro ferido. Põe esses logares a concurso. Os que melhor souberem vingar-te são os que hão de succeder ao Sophocles, ao Corfiote e ao Basilio.

Hadgi-Stavros sorriu-se carinhosamente. Afagou o queixo do pequeno e disse-lhe:

—E's um ambicioso, meu homemzinho. Ora ainda bem! A ambição é a mola da coragem. Vamos ao concurso. E' uma idéa moderna, idéa da Europa; não desgosto. Como premio que já te outhorgo, ouvirei primeiro o teu conselho. Se o que descobrires fôr de valor serás o herdeiro de Basilio.

—Não se me dava, disse o pequeno, de arrancar uns dentes ao lord, de lhe pôr um freio na bocca e de o obrigar a correr tanto, tanto, que cahisse de cançasso.

—Com os pés doentes como tem, cahiria ao segundo passo. Falae, vós outros. Tamburis, Mustakas, Coltzida, Milotis, falae.

—Cá por mim, disse Coltzida, quebrava-lhe ovos quentes nos sovacos. Experimentei isso com uma mulher de Megara e divirti-me immenso.

—Eu, disse Tamburis, deitava-o no chão com um penedo de quinhentos arrateis em cima do peito. O homem deitava a lingua de fóra e escarrava sangue. Não é feio.

—Eu, disse Milotis, punha-lhe vinagre no nariz e enterrava-lhe espinhos em todas as unhas. Para espirrar é magnifico e o homem não sabia onde havia de pôr as mãos.

Mustakas era um dos cosinheiros da quadrilha. Propoz que me assassem a fogo lento. O rosto do Rei illuminou-se todo.

O frade assistia á conferencia, mas não dava parecer. Entretanto teve dó de mim, na medida da sua sensibilidade e veio em meu soccorro na medida da sua intelligencia.

—Mustakas, disse, é em demasia máo. Podem torturar o milord, sem o queimarem vivo. Se lhe dessem carne salgada e nem pinga d'agua, viveria muitos dias, soffreria immenso e assim ficaria satisfeita a vingança do Rei sem que atrahisse a de Deus. O que eu desejava era que todos ficassem satisfeitos, visto que o convento já recebeu a dizima.

—Alto! interrompeu o cafedgi. Bom velho, tenho uma ideia que vale mais do que a tua. Condemno milord a morrer de fome. Faça-lhe cada qual o mal que entender, emquanto a mim fico-lhe de sentinella á bocca, em que não ha de entrar nem gota d'agua nem migalha de pão.

—Vão todos para o diabo, exclamou o Rei. Bem se vê que o infame não lhes roubou oitenta mil francos, que assim se põem a raciocinar! Levem-o para o campo e divirtam-se; mas desgraçado do que, por imprudencia, der cabo d'elle! Este homem só deve morrer ás minhas mãos. Hei de pagar-me em prazeres do dinheiro que me roubou. Gota a gota ha de verter o sangue de suas veias, como um máo devedor que paga soldo a soldo.

Ninguem calcula com que amarras o mais desgraçado dos homens se agarra á vida. Ao ouvir as ameaças de Hadgi-Stavros não sei o que foi que dentro em mim se alegrou. Um instincto de esperança afagou-me o coração. Se uma alma caridosa me offerecesse maneira de metter uma bala nos miolos, não ia assim á primeira.

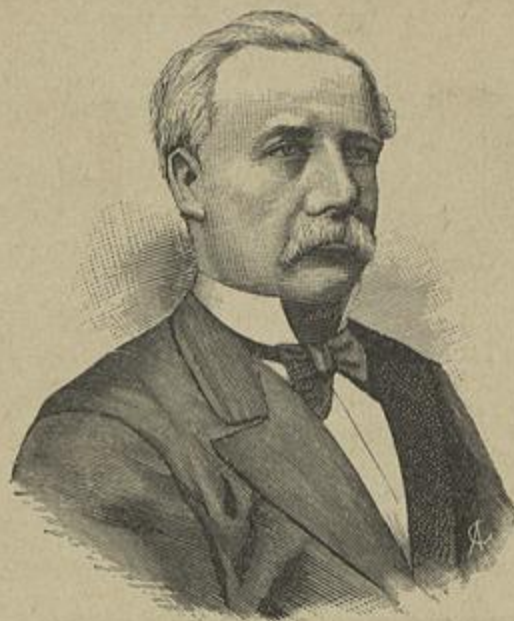
Quatro salteadores pegaram em mim pela cabeça e pelas pernas e levaram-me como um mólho aos uivos atravez do gabinete do Rei. A minha voz acordou o Sophocles na enxerga. Chamou os companheiros, quiz saber o que havia de novo e pediu para me vêr de perto. Era um capricho de doente. Deitaram-me no chão ao lado d'elle.

(Continua).

NECROLOGIA

DR. ALEXANDRE DE CAMPOS

No dia 14 do corrente falleceu em Lisboa o dr. Alexandre José da Silva Campos, um dos medicos mais antigos da capital, e do antigo conselho de Saude Publica, pois que nasceu em 9 de janeiro de 1816.

O dr. Alexandre de Campos prestou bons serviços por occasião da epidemia da febre amarella em 1857 pelo que a camara municipal lhe conferia a medalha denominada da febre amarella e o governo o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

DR. ALEXANDRE DE CAMPOS

FALLECIDO EM 14 DO CORRENTE

Fundador, com o dr. Bourquin, do Instituto Vaccinico Campos & Bourquin, conseguiu elevar este estabelecimento scientifico e humanitario ao primeiro logar, pelo modo proficiente como o dirigiu, o que se reconhece pela leitura dos relatorios annuaes publicados.

Teem sido tão relevantes os serviços prestados por este Instituto, que o governo de Sua Magestade dirigiu ao dr. Campos, em 1880, uma portaria de louvor.

O Instituto Vaccinico Campos & Bourquin honra a memoria dos seus fundadores, muito principalmente do dr. Campos que durante quasi meio seculo vaccinou o melhor da população de Lisboa, prestando este serviço, na maioria gratuitamente, e fornecendo vaccina para as provincias do continente, dos Açores e da Africa.

O dr. Campos tinha pelo seu Instituto Vaccinico a dedicação de um pae desvelado e quando a doença o levou a procurar um collega para o substituir nas operações vaccinogenicas, escolheu o sr. dr. Alfredo de Sousa, clinico distinctissimo, que tem sabido corresponder cabalmente, como um verdadeiro cultor da sciencia, ao escrupulo e confiança com que o fallecido fundador do Instituto o escolhera para tão espinhosa missão.

D'este modo o dr. Alexandre de Campos deixou um digno continuador da sua obra e isso foi, sem duvida, para elle um linitivo na doença que por fim abriu sepultura a este benemerito homem de sciencia.

Recebemos e agradecemos:

Encyclopedia portugueza illustrada — *Diccionario universal sob a direcção de Maximiano Lemos — Lemos & C.ª Successor — Largo de S. Domingos, 63, 1.º — Porto.*

Com a maior pontualidade temos recebido os fasciculos d'esta importante e esplendida obra, que ficará na bibliographia portugueza como um verdadeiro monumento do seu genero, tão cuidada e selecta é na sua factura, tão perfeita e commoda é a sua edição.

Desde o celebre *Diccionario Universal Portuguez*, que o illustrado editor lisbonense sr. Henrique Zeferino tentou levar a cabo entre nós, e que para vergonha nossa não passou das letras A, B e M, pois que a assignatura não correspondeu á grandeza da obra; desde esse monumental trabalho, ainda sem par, que ninguem se arrojara a lançar novamente no mercado obra similhante.

Com prazer verificamos, pois, o publicar-se agora no Porto, sob a sabia direcção do lente da escola medico-cirurgica da mesma cidade sr. dr. Maximiano Lemos e com a collaboração effectiva dos nossos mais distinctos homens de sciencia, uma obra tão apreciavel.

Jeronymo Corte Real — *Novos subsidios para a sua biographia (Data do enterramento)* por *Henrique Freire — 1900 — Typographia «Noticias de Evora.» — Evora.*

No seu n.º 742, de 10 de agosto de 1899, publicou O OCCIDENTE o resumo de um interessante folheto, que, com o titulo de *Subsidios para a biographia do poeta Jeronymo Corte Real* publicara anteriormente em Evora o erudito e infatigavel investigador sr. A. F. Barata. Acompanharam então a referida noticia duas estampas representando o começo de Valle de Palma e os restos do palacio de Corte Real, visto alludir-se a esse morgadio do celebre poeta, cuja vida nos é tão difficil de conhecer claramente. Duas cousas egualmente importantes apurou o sr. Barata: o logar em que esteve situado o morgadio, onde parece que o auctor do *Naufragio de Sepulveda* habitou longo tempo, e o anno quasi certo do seu fallecimento, que teria succedido pelos primeiros mezes de 1590.

Não podiamos deixar de nos congratularmos vivamente por estas investigações e assim o fizemos com o applauso de quantos se interessam pela historia da litteratura portugueza em geral e pelas biographias dos nossos epicos em especial.

Facil é pois de imaginar o alvoroço com que em fins de setembro ultimo começámos a ler no jornal eborense *Noticias d'Evora* um trabalho do sr. Henrique Freire com o titulo de *Jeronymo Corte Real* e em que se promettia uma boa nova aos estudiosos, qual era a data certa do enterramento do poeta. Não foi illudida a nossa espectativa, e, ainda não tinhamos lido por completo esse estudo, quando recebemos, gentilmente offerecido pelo seu auctor, uma *separata* do curioso trabalho, permittindo-nos então conhecel o completamente.

E' o sr. Henrique Freire um funccionario muito distincto da Santa Casa da Misericordia d'Evora. Sabendo que Corte Real fôra *irmão da casa*, e crendo com bem fundada razão que, a ter elle morrido em Evora, devera ter sido enterrado pela irmandade, como era costume, tratou de folhear no archivo da mesma Santa Casa os *Livros dos defunctos*, que alli existem, a datar de 1555.

«Com alguma paciencia, uns laivos de paleographia e a minha teimosia», diz o sr. Freire, «havia de produzir um resultado satisfactorio.» Effectivamente assim succedeu.

Tendo Corte Real sido provedor da Misericordia em 1586, a verdadeira busca começou d'essa data em deante. Proseguindo com louvavel tenacidade, ao chegar ao dia 16 de novembro de 1588, encontrou o sr. Freire a desejada nota do fallecimento do cantor do *Segundo cerco de Diu*, nos termos seguintes:

Aos xby enterrou a Misericordia a Jeronymo Corte Real, Irmão da Casa.

Estava, pois averiguada a data do enterramento do celebre poeta e naturalmente a do fallecimento, que teria occorrido na vespera, dia 15 de novembro de 1588.

Julga o illustrado investigador que Corte Real fosse sepultado na propria egreja da Misericordia, o que talvez se venha a confirmar se um dia se levantar o soalho que forra a egreja e debaixo do qual estão as antigas campas.

O feliz encontro da data do fallecimento de Corte Real não foi comtudo uma tão completa surpreza para os estudiosos, como o sr. Henrique Freire suppoz. Pouco antes, revelava no seu livro *Trabalhos nauticos dos portuguezes* o sr. dr. Souza Viterbo, como lealmente o confessa aquelle cavalheiro no citado folheto. Mas n'este simultaneo encontro se deu uma clara contraprova, de como rebuscando em archivos diversos chegaram a um mesmo resultado os dois illustres investigadores; e, tornando o facto conhecido dos nossos leitores, endereçamos ao sr. Henrique Freire a expressão do mais vivo agradecimento pela offerta do seu opusculo.